Parte superior do formulário

Parte inferior do formulário

FITREF – FACULDADE INTERNACIONAL DE TEOLOGIA REFORMADA

IRTC - INTERNATIONAL REFORMED THEOLOGICAL COLLEGE

Professor: Jorge Barros
Disciplina: BI 705 – Apocalipse e Escatologia Bíblica

**ATIVIDADE 10 - Teste 2***1. Como devemos entender a expressão “últimos tempos”?
2. Como devemos caracterizar o período entre a primeira e segunda vinda de Jesus Cristo, especialmente o que este período significa para a Igreja?
3. Faça uma lista, tanto quanto possível cronológica, dos principais eventos que caracterizam a era compreendida entre a ressurreição de Jesus Cristo e o início do eterno estado de glória da Igreja.*

*(Obs. As respostas devem apresentar a devida fundamentação bíblica. Note que esta atividade não é um exercício semanal comum, é um teste que isoladamente determinará uma das três notas do curso.)*

1. **Os últimos tempos**

“Últimos tempos” é um termo bíblico usado, principalmente no AT, para designar o *futuro*. Na verdade, é um hebraísmo e este termo aparece treze vezes na tradução de Almeida Revista e Atualizada (ARA) como “últimos dias”: Nm 24:14; Dt 4:30; 31:29; Is 2:2; Jr 23:20; 30:24; 48:47; 49:39; Ez 38:16; Dn 2:28; 10:14; Os 3:5 e Mq 4:1 e ainda como “dias vindouros” em Gn 49:1. O termo pode se referir a um tempo relativamente próximo ou a um tempo distante. Num lugar apenas, em Ezequiel 38:16 e em combinação com Apocalipse 20:8, parece-se referir ao tempo das últimas coisas, o fim do mundo.

 No NT o termo “últimos dias” aparece seis vezes na tradução de ARA em Lc 24:18; At 2:17; 2Tm 3:1; Hb 1:2; Tg 5:3 e 2Pe 3:3. Existem ainda expressões aparentadas como “último(s) tempo(s)” (1Tm 4:1; 1Pe 1:5; Jd 18) e “última hora” (1Jo 2:18). Exceto em Lc 24:18, todos estes termos no NT indicam o tempo que se inicia com a vinda do Messias.

 É importante ainda notar o termo usado no singular (“último dia”) em João (6:39, 40, 44 e 54; 11:24; 12:48) [[1]](#footnote-1). O termo no singular indica um dia especial, no plural diz respeito ao tempo em geral. O termo “Dia do Senhor” no AT indica o dia em que ocorre o juízo divino para alguns povos ou para toda a humanidade. Consequentemente, no NT o termo no singular não indica o período desde o nascimento de Cristo até a sua volta, mas indica o dia da vitória de Cristo, o Dia do Juízo [[2]](#footnote-2).

 Portanto, o termo “últimos dias” no NT, como já assinalado, *indica o período entre a primeira vinda (a encarnação de Cristo) e a segunda vinda de Jesus Cristo (a parusia).* Refere-se, em particular, à história redentiva que se iniciou com o nascimento, a morte, ressurreição e ascensão de Cristo e o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes.

 Aqui aparece a importância do significado típico da palavra “último” no NT. “Último” quer dizer que não haverá mais nada além; o caso está definitivamente decidido. O que em Joel 2:28-3:1 se lê como algo futuro (“naqueles dias”), em Atos 2:17 as palavras de Pedro (“últimos dias”) são uma proclamação definitiva do tempo da salvação [[3]](#footnote-3).

1. **O período entre a primeira e segunda vinda de Jesus Cristo; seu significado para a Igreja [[4]](#footnote-4)**

Hendriksen divide o livro de Apocalipse em duas grandes partes: a primeira (capítulos 1 a 11) descreve o mundo perseguindo a Igreja entre a primeira e segunda vindas de Cristo, que apesar de tudo, é vitoriosa em Cristo. A segunda parte (capítulos 12 a 22) complementa e aprofunda a primeira e descreve o ataque do Dragão ao Filho de Deus, mas o diabo é derrotado, juntamente com seus aliados, por Jesus Cristo. Apocalipse 6 e 7 em particular descrevem o que acontece depois da primeira vinda de Jesus até a sua volta. O Cordeiro abre os selos: o plano de Deus começa a ser executado no mundo através da pregação da Igreja [[5]](#footnote-5).

 Nestes capítulos, a revelação do futuro para a Igreja não é detalhada, nem é cronológica, mas delineada em seus mais importantes aspectos. É uma história de vitórias através de sofrimentos. Descreve condições gerais que prevalecerão na Terra neste período entre a primeira e segunda vinda de Cristo. Aqui, Deus enfatiza a segurança e vitória dos crentes em Cristo Jesus, com o objetivo de lhes dar consolo e encorajamento, na obediência à Palavra de Deus e no testemunho de Jesus Cristo.

 A mais importante característica da era entre a primeira e segunda vinda de Cristo é a conquista de Cristo por meio da Igreja que, pregando o Evangelho e discipulando os crentes, estabelece igrejas entre todas as línguas, tribos, povos e nações. O **primeiro selo** **(6:1-2)** dedica mais atenção à vitória de Cristo e às bem-aventuranças de sua Igreja que aos juízos de Deus contra a humanidade impenitente. Nesta era evangélica em que vivemos, é anunciada a boa-nova da salvação, chamando todos os pecadores ao arrependimento e fé em Jesus Cristo, durante todo o tempo entre a primeira vinda (já realizada) e a segunda vinda de Jesus Cristo (ainda por realizar-se). Embora mencione juízos divinos, principalmente mostra a vitória de Cristo e de seus servos.

 Entretanto, tanto o livro de Apocalipse quanto Mateus 24 revelam que o período entre a primeira e segunda vindas de Cristo Jesus será também de grande tribulação. Na pequena seção de **6:3-8** (**segundo, terceiro e quarto selos**) nos é dada uma visão dos sofrimentos que virão sobre o mundo durante o avanço da Igreja de Cristo na Terra. Enquanto a Igreja vai se estabelecendo entre as nações, a iniquidade também cresce. Nações que rejeitam o Evangelho crescem na impiedade tornando-se merecedoras de eventuais manifestações da ira e juízo de Deus, antes que aconteça o Juízo Final. Aviolência se multiplicará no mundo (como nos dias que antecederam o Dilúvio, Gn 6:5,11) conforme o próprio Senhor Jesus já havia prevenido os seus discípulos (Mt 24:6-12). Esta violência contra a Igreja já fora mencionada também nas cartas às sete igrejas; e o parágrafo que segue, retratando o **quinto selo** **(6:9-11),** confirma que, até a volta de Cristo, a Igreja continuará a sofrer na Terra.

 Desde o AT encontramos promessas de que a Terra se encherá do conhecimento do Senhor (Is 11:9) e que as nações virão a Ele. Isto porém parece contrastar com a resistência ao Evangelho e oposição à Igreja no mundo. Entretanto, não há contradição. Não fosse o Evangelho, a Terra estaria em trevas absolutas e, à medida em que a Igreja avança com o Testemunho de Jesus, ela se torna como uma noite estrelada. É este o padrão da expansão da Igreja que encontramos no NT. Não vemos cidades inteiras se convertendo, mas indivíduos e famílias sendo trazidos, mediante a pregação, ao pacto da graça; e vemos também igrejas se estabelecendo e crescendo em diversas cidades e nações, mas sob oposição e até perseguição. Ameaças e sofrimentos da perseguição fazem parte da vida da Igreja; talvez não seja exagero afirmar que este é o seu cotidiano. Foi assim no começo da Igreja em Jerusalém (At 8:1-3); foi assim no começo de cada igreja durante o ministério do apóstolo Paulo (At 13:50; 14:5; 14:19; 16:23; etc.); era assim na virada do primeiro século; assim tem sido em grande parte da história da Igreja, em diversos lugares; assim tem sido no presente, seja em lugares onde a Igreja está chegando pela primeira vez, seja em lugares onde a Igreja esteja sendo reavivada (reformada).

 A Igreja, que é o mais importante instrumento de Jesus Cristo na realização de Sua conquista, vive na Terra em meio a grande tribulação. O **quinto selo** é uma mensagem de consolo e encorajamento especialmente àqueles crentes que são torturados e mortos por causa de Cristo Jesus, os mártires. É um encorajamento aos crentes de todos os tempos para que, mesmo em face da ameaça de morte, jamais neguem ou abandonem sua fé no Senhor Jesus Cristo. Os mártires vão imediatamente do mais extremo sofrimento para a mais extrema alegria; do que parecia a mais extrema humilhação e derrota para a maior glória. Entretanto, “a voz do sangue” (Gn 4:10) dos mártires clama perante Deus e certamente não deixará de ser atendida. Deus julgará aqueles que perseguiram e mataram Seus servos. Por isso, a presente era não será de contínua paz e prosperidade para as nações, especialmente na medida em que resistem ou abandonam a fé em Cristo.

 O **sexto selo** (**6:12-17**) combina o anúncio de acontecimentos extremos: a vinda do mais temível juízo divino com a volta de Jesus e o fim da grande tribulação com a vitória final da Igreja. Apesar de anunciar a chegada do “Grande Dia da ira” e das referências à grande tribulação, o tom predominante deste parágrafo e de todos os parágrafos seguintes até 7:17 não é de sofrimento, mas de consolação e encorajamento para os servos de Deus. Mostra que todo o sofrimento da Igreja terá um fim definitivo, toda a luta da Igreja será coroada pela vitória, e que por fim toda impiedade será julgada e completamente eliminada da Terra.

 Embora o **primeiro selo** se refira ao **começo** da era cristã, os **três selos seguintes** podem significar acontecimentos paralelos, durante toda a era. O **quinto selo** é paralelo, não somente à era cristã, mas também a todas as que a antecederam, além de ser algo que acontece fora da terra, e, por isso, não será parte da história, e jamais poderia se encaixar em uma estrutura cronológica. O **sexto selo** se refere ao fim da era de conquistas e sofrimentos da igreja cristã, com a **volta de Cristo**. Note-se ainda o **sétimo selo**, após o capítulo 7, ao qual pertencem as sete trombetas (capítulos 8, 9 e 11:15-19). Estas trombetas não parecem se referir exclusivamente a juízos imediatamente antecedentes ao Dia da volta de Jesus, parecem antes tratar de juízos divinos que devem ocorrer durante **toda** a era cristã, até à volta de Cristo.

 Na seção de **7:1-8** vemos a Igreja protegida por Deus na grande tribulação. O capítulo 7 é um parêntese entre o sexto e o sétimo selo, mas faz parte do sexto selo. Este capítulo completa o conforto aos crentes que na Terra aguardam a chegada do Grande Dia da vitória final de Cristo e sua Igreja. Os 144 mil selados significam a Igreja na Terra em todas as eras que, como as sete igrejas da Ásia, têm de manter a “palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo” (1:9), mas estão sujeitas ao desânimo, erros e tribulações. Contudo, a grande tribulação da era cristã não é consequência de uma anarquia, nem de governo absoluto do mal, ao contrário, Deus mantém seu governo soberano. O selo que os 144 mil recebem implica em uma distinção dos filhos de Deus aos ímpios, pois os juízos são administrados sobre os ímpios e seus efeitos são menores para os crentes. Além disso, como os crentes estão selados, seus adversários não podem ir além do que Deus permite. Finalmente, as tribulações jamais causarão o afastamento dos crentes (Rm 8:28-30). O apóstolo Paulo também fala de um selo que é dado aos crentes em Cristo Jesus como uma garantia do infalível cuidado divino, o Espírito Santo (Ef 1:12-14); porém, o mesmo Espírito nos habilita como fiéis testemunhas de Cristo (At 1:8).

 A multidão inumerável representa a Igreja triunfante no Céu **(7:9-17),** em contraste com o parágrafo anterior (7:1-8), no qual a Igreja militante, que sofre, é referida. A multidão inumerável é uma visão mais completa da recompensa dos que foram fiéis até à morte, recompensa esta, já mencionada antes e mais resumido no quinto selo (6:9-11). Esta multidão parece estar ainda crescendo; isto é, as pessoas ainda continuam chegando da grande tribulação. Ainda na presente era, na Terra, a Igreja fiel está “guardando a Palavra de Deus e mantendo o Testemunho de Jesus Cristo*”*, entre as nações, em meio a grandes tribulações; enquanto isso, o Céu vai recebendo os fiéis que morrem na terra, por doenças, velhice, vítimas de violências, etc.

 A Igreja tem uma grande tarefa a realizar na terra durante o período entre a primeira e segunda vindas de Jesus Cristo. Já vimos que a Igreja não cumprirá esta missão em clima de paz e tranquilidade. Certamente os crentes serão conduzidos à oração, não somente pelas recomendações bíblicas a este respeito, mas também pela própria necessidade, pois os homens naturalmente não recebem a Palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo com arrependimento e fé; ao contrário, alguns dos que rejeitam a Cristo, passam a odiar e perseguir a Igreja.

 Assim, quando o Cordeiro abre o **sétimo selo** (8:1), mas antes que o primeiro dos anjos faça ressoar a trombeta que recebeu (8:2), João vê outro anjo recebendo “*muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos ... e da mão do anjo subiu à presença de Deus a fumaça do incenso, com as orações dos santos*” (8:3,4). Isto significa que nossas orações sempre chegam diante de Deus (5:8). O incenso simboliza a **obra intercessória** de Jesus Cristo; nela está garantida a chegada à presença de Deus das nossas orações imperfeitas. Por outro lado, o incenso simplesmente significa quão agradáveis diante de Deus são as **orações de seus servos**. Um simbolismo não exclui o outro; ao contrário, ambos se sustentam. O muito incenso recebido pelo anjo indica que muitas orações são esperadas de nós, e que não há limite de tempo e de vezes para solicitarmos a audiência do Todo-Poderoso. Deveríamos desfrutar muito mais deste grande privilégio, orando congregacionalmente, em família, na companhia de outros irmãos e pessoalmente. As orações têm grande valor, pois são meios de fortalecimento da comunhão com Deus dos crentes em suas tribulações e, debaixo da soberania de Deus, nossas orações têm grande impacto sobre a Terra e sobre a História (Tg 5:16b-18).

 Em Ap 12:13-17, quando João inicia a descrição da luta entre o Cordeiro e o Dragão (capítulos 12 a 20), João volta a retratar brevemente a Igreja na Terra, entre a primeira e segunda vindas de Jesus Cristo. A Igreja sofre a perseguição satânica, mas recebe proteção divina, podendo assim sustentar fielmente o seu testemunho entre as nações. Como já temos lembrado, esta situação marcará toda a era chamada cristã (entre a primeira e segunda vinda de Jesus). Em alguns tempos e lugares, durante toda a era, este conflito se tornará mais intenso, e depois será seguido de temporário descanso, para o ressurgimento de novos conflitos, até a volta do Senhor. Então acontecerá o último e mais intenso conflito; porém, o Reino eterno de Jesus Cristo será imediatamente estabelecido, em total visibilidade.

1. **Lista dos principais eventos que caracterizam a era compreendida entre a ressurreição de Jesus Cristo e o início do eterno estado de glória da Igreja.**

Após a primeiravinda de Jesus, ou seja, depois donascimento, morte, ressurreição e ascensão do Senhor Jesus Cristo e após o derramamento do Espírito Santo por ocasião de Pentecostes (At 2), a Igreja teve como mandamento de ser testemunha de Jesus, tanto em Jerusalém como em toda Judeia e Samaria e até aos confins da terra (At 1:8). Estas palavras confirmam o que Jesus já dissera aos discípulos: “*fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século*” (Mt 28:19,20).

 As diferenças doutrinárias se iniciam com a interpretação de Ap 20:1-10. A segunda vinda do Senhor é mencionada inúmeras vezes no NT, mas o milênio, ou mil anos, apenas uma vez só na Bíblia, em Ap 20:1-10. A partir desses dez versículos muitos constroem teorias, algumas bastante fantasiosas. Alguns pensam que o milênio será uma era de felicidade neste mundo; outros acham que será uma das eras da eternidade depois que este mundo passou. Afirmam ainda que *Cristo voltaria duas vezes*: uma para inaugurar o milênio, outra para inaugurar a eternidade. Consequentemente, também haveria *duas ressurreições*: uma dos santos já falecidos e que governarão com Cristo durante o milênio, outra de todos os mortos. Aqui queremos concordar com o que Halley disse em seu comentário a respeito deste capítulo: “*viver na bendita esperança e contínua expectação da vinda do Senhor é uma coisa; manter uma teoria a respeito do milênio é outra [...]. Alguns falam como se conhecessem o assunto a fundo*” [[6]](#footnote-6).

 Jesus Cristo, em seu sermão profético sobre o fim do mundo (Mt 24-25), não fala uma só palavra sobre o milênio que precederia o Juízo Final. Não encontramos tampouco qualquer traço dessa doutrina nos escritos do apóstolo Paulo. Os defensores do milênio esquecem que Apocalipse não é um livro histórico, mas profético, onde os números não podem ser interpretados literalmente, mas possuem caráter simbólico. O número “mil” (10 x 10 x 10) é um número pleno e quer dizer que Cristo governa até todas as coisas atingirem sua plenitude e até o conselho do Pai a respeito da Igreja e do mundo tenha se cumprido (At 1:7; Ap 6:11) [[7]](#footnote-7).

 A doutrina reformada, conhecida como amilenista, procura harmonizar o texto de Apocalipse com ele mesmo e com o restante das Escrituras. Dessa forma temos os seguintes eventos após a ressurreição de Cristo até a recriação do céu e da terra e, na medida do possível, em ordem cronológica [[8]](#footnote-8):

* O período equivalente ao milênio é a era compreendida entre a primeira e segunda vindas de Cristo.
* Os “mil anos” começam com a primeira vinda de Jesus Cristo (nascimento, morte, ressurreição, ascensão e pentecostes). Não há um reino milenar, visível e provisório de Cristo na terra. Nem antes, nem depois da volta de Cristo.
* A prisão de Satanás aconteceu na primeira vinda de Jesus Cristo.
* Durante os “mil anos”, parte da Igreja já triunfa com Cristo no Céu, e parte da Igreja conquista com Cristo na Terra.
* O milênio termina com a breve soltura de Satanás e a segunda vinda de Jesus Cristo.
* Todos os eventos que marcam a volta de Cristo acontecem simultaneamente, ou em rápida sucessão: derrota final da Grande Babilônia, derrota final das duas bestas e de Satanás, ressureição de todos os mortos, juízo final, Novo Céu e Nova Terra.
* A ressurreição dos santos não acontece “mil” anos antes da ressurreição dos ímpios; ambas acontecem ao mesmo tempo.
* Todos os mortos ressuscitam, uns para a glória, outros para o castigo eterno.
* Deus realiza o Julgamento Final, e o Universo (Céu e Terra) é recriado, para eterna habitação dos santos com Deus.

Gerhard Jacobi

1. Concordância Bíblica, Sociedade Bíblica do Brasil, 1997, verbetes “último” e “vindouro”. [↑](#footnote-ref-1)
2. Christelijke Encyclopedie, editora J.H. Kok N.V., Kampen (Holanda), 2a. edição, 1957, volume 2, verbete “Dia do Senhor”. [↑](#footnote-ref-2)
3. Christelijke Encyclopedie, editora J.H. Kok N.V., Kampen (Holanda), 2a. edição, 1959, volume 4, verbete “[o] último dos dias”. (Os seis volumes desta enciclopédia foram publicados entre 1956 e 1961). [↑](#footnote-ref-3)
4. Salvo o primeiro parágrafo, este segundo ponto foi desenvolvido a partir da disciplina BI 705 *– Apocalipse e Escatologia Bíblica,* aulas nº 15, 16, 17, 18, 20 e 24 da FITREF – Faculdade Internacional de Teologia Reformada, ministradas entre outubro e dezembro de 2017. [↑](#footnote-ref-4)
5. Hendriksen, William, *More than Conquerors*, Baker Books, Grand Rapids, 1998 paperback edition, p. 22, 23 e 97. [↑](#footnote-ref-5)
6. Halley, H.H., *Manual Bíblico*, Edições Vida Nova, São Paulo, 2ª. edição, 1971, p. 648. [↑](#footnote-ref-6)
7. Christelijke Encyclopedie, J.H. Kok N.V., Kampen (Holanda), 2a. ed., 1957, vol. 2, verbete “Quiliasmo”. [↑](#footnote-ref-7)
8. Disciplina BI 705 *– Apocalipse e Escatologia Bíblica,* aulas nº 2 e 30 da FITREF – Faculdade Internacional de Teologia Reformada, ministradas entre outubro e dezembro de 2017. [↑](#footnote-ref-8)